

A romantic scene of a couple walking away from the viewer on a rocky beach. They are holding hands and walking towards the ocean. The sky is a mix of purple and blue, suggesting sunset or sunrise. The foreground is a dark, textured rock path. Two trees with thin branches frame the scene on either side.

Foi
Possível
Sim!

GRAÇA MENDES F. BASTOS

✓ UICLAP

Foi Possível Sim!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bastos, Graça Mendes F

Foi possível sim / Graça Mendes F Bastos. -- Fortaleza, CE : Ed. da Autora, 2022.

ISBN 978-65-00-42766-0

1. Romance brasileiro I. Título.

22-108353 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira

B869.3 Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Às minhas filhas Yara e Sarah, que presenciaram o amor verdadeiro através de nós.

Aos meus netos Benjamin e Aurora, no desejo de que nosso testemunho seja a eles transmitido e faça diferença em suas vidas...

Legado: Enamore! Viva feliz! Ame!

Essa obra descreve muito bem uma história de amor verdadeiro. Sinto-me parte dela. Fui usada por Deus como “primeiro cupidinho” para unir o casal, pois meu tio cuidava de mim e sempre me levava junto para suas brincadeiras. Para que eles se encontrassem de novo, os aproximei pelas redes sociais e também estava com eles no reencontro presencial. Afinal, o que foi determinado por Deus, determinado está...

(Célia Bastos – Sobrinha)

Essa é uma história bonita e inspiradora. Conhecemos o protagonista dessa obra como uma pessoa admirável, pois suas atitudes e o seu jeito carinhoso de ser, nos fazem refletir e nos levam a mudar para sermos cada vez melhores...

(Fernando e Nazaré Piancó – Amigos)

Questa è una storia das mai belas. Adolescentes já estavam apaixonados mais a vida pegou outro curso mais o amor venceu aos anos, as distancias. Fui um amor já moldado no astral. Junto fui só felicidade...

(Masio Freitas e Clemes Spini – Casal amigo)

Sumário

Prefácio	8
Capítulo I	0
<i>A amizade sincera</i>	0
Capítulo 2	2
<i>O namoro</i>	2
Capítulo 3	3
<i>Quem sou eu?</i>	3
Capítulo 4	4
<i>A vida dele</i>	4
Capítulo 5	9
<i>O milagre da vida</i>	9
Capítulo 6	65
<i>Foi possível sim!</i>	65
Capítulo 7	1
<i>Morte</i>	1
Epílogo	1
Souvenirs	2

Prefácio

Na minha adolescência, entre 09 e 12 anos, ainda com a mente pura e o coração de criança, conheci um menino que corria brincando comigo de Pique cola americano de rua, que não sei se ainda existe, já que as crianças não brincam mais na rua. Ele corria “colado” em mim, por causa da minha deficiência física. Daí ficamos unidos, sempre juntos até ele se tornar um jovem capaz de trabalhar, buscar e construir sua profissão em outro estado. Foi morar no Rio de Janeiro e eu não mais o esqueci apesar da distância e das poucas vezes que nos reencontrávamos ao longo de nossas vidas.

Nunca imaginei que eu pudesse viver um relacionamento tão perfeito, tão

único, tão intenso e por isso mesmo, tão raro de ocorrer. Fui crescendo, me tornando adulta, mãe, mas sempre escrevendo nossa história em meu diário.

Conhecer Deus, aprender a ser-Lhe grata, me levou a escrever este livro, porque por tudo que vivi, conclui que deveria reverenciar e dedicar essa obra ao Deus do impossível.

Capítulo I

A amizade sincera

Com uma deficiência física congênita, que só me deixou andar depois de completar dois anos de idade, andei sempre com dificuldade. Sendo de pequena estatura, tinha muita vontade de usar um salto "Luís XV" para me sentir maior, o que não me foi possível.

Geralmente uma deficiência é compensada por grande habilidade noutra área. Eu era sempre muito amiga. Conquistei ótimas e duradouras amizades ao longo da minha vida. A maior porém, mais significativa, durou da minha infância/adolescência até a terceira idade...

Minha irmã mais velha - vinte anos a mais que eu - mudou-se para outra cidade por causa do trabalho do marido. Da infância até a velhice foi minha segunda mãe e seus dois filhos eram mais que meus irmãos em todas as horas. Quando criança eu passava o dia com eles, e só voltava para casa quando já estavam dormindo, depois de embalados por mim. Eu morava mais com Julie que com minha mãe. Quando meus pais se mudaram de minha cidade natal, não deixei de conviver com eles, embora a partir daí só ficássemos juntos nos períodos de férias. Ênio deixava de brincar para massagear meu pé que era meio virado para cima. Massagem feita com sebo de carneiro, esquentado numa vela. Ele apanhou muito quando criança, algumas vezes por mi-

nha causa, mas na maioria das vezes, escondia suas peraltices para evitar que fosse punido pela mãe muito rígida que tinha. Sylvia e eu estávamos sempre juntas. E gostávamos muito de ouvir música. Tomávamos banho juntas levando um radinho de pilha conosco para o banheiro ou dormíamos com ele ligado ao lado de sua cama. Um dia, eu já uma “mocinha” de treze anos e ela cinco anos mais nova, aconteceu que precisei agir como mãe e explicar o significado da menstruação porque me recusei a tomar banho com ela e Julie me obrigou a fazê-lo. Nessa época não conversávamos sobre isso, mas tive que contar para minha irmã tudo que disseira como explicação.

1. Quando Sylvia começou a namorar, não deixei que o fato ficasse às escondidas. Conversei com o garoto, pedi que fosse namorar em nossa casa e comuniquei o fato à minha irmã. Algo engraçado aconteceu então...: a casa tinha apenas duas cadeiras de balanço. Quando o rapaz chegou para namorar, Julie fazia seu costumeiro crochê sentada numa dessas cadeiras. Então pedi a cadeira para que sua filha Sylvia pudesse namorar na varanda. Recusando-se a cede-la, peguei a cadeirinha de criança de minha sobrinha e levei para eles. Depois convidei a mana para conhecer seu futuro genro, fato que não aconteceu, mas o rapaz nunca deixou de amar a primeira namorada, tentan-

do reatar o namoro por várias vezes. Mesmo após os dois casados e até a viuvez dela.

Sylvia, Ênio e eu nos distanciamos apenas pelas escolhas que fizemos na vida. Pelo trabalho, pelo casamento ou pelos filhos. Apesar de tudo, ainda somos muito ligados, sendo confidentes uns dos outros e tomando decisões importantes juntos. Quando meu sobrinho-irmão já adulto, foi pai e se divorciou, marcamos vários encontros para conversar e ele me ouviu com atenção e paciência acatando meus conselhos. Participei da vida de casada de Sylvia e em alguns momentos tive que falar sério com seu marido para que ele tomasse algumas atitudes próprias de parceiro ou para lhe dizer do que as mulheres

gostam de sentir ou de ouvir do ente amado.

Nós três tivemos uma infância maravilhosa e uma adolescência feliz juntos. Continuamos sempre juntos. O aniversário de sessenta anos de Sylvia foi um dia muito feliz, porém marcado pela perda irreparável que tive.

Na cidade em que passávamos as férias, já adolescentes, fazíamos festas organizadas e com a participação dos amigos que moravam naquela região. Um lugarzinho ao pé da montanha com nativos simples, quase que indígenas. Província de cultivo de frutas, conhecida como terra da banana e terra natal de uma celebridade do cinema internacional. Alguém de personalidade forte, de trabalho bem feito e reconhecido,

sobrenome com a força do vulcão. Essa é Uruburetama, minha terra do coração é o lugar lindo onde nasceu meu Boaz, artista com várias funções, como contrarregra, operador de som, ator ou diretor de cena no teatro brasileiro. Foi produtor musical de vários cantores, mas teve participação como ator em apenas um filme.

Ainda crianças ou adolescentes, em alguns domingos, íamos todos para a praia mais próxima, acordávamos bem cedinho e partíamos brincando na carroçaria de um caminhão da fábrica de algodão onde meu cunhado trabalhava.

Um fato interessante é que eu tinha muito medo de sapo, mas sempre tinha quem me defendesse ou me apoiasse

nos encontros com esse inofensivo bichinho. Ênio adorava me amedrontar amarrando um grande pedaço de linha de nylon na pata de um deles deixando o bicho exatamente na calçada onde eu iria passar. Um dia, eu ia andando sem perceber aquela desagradável presença e me deparei com a atitude de Ênio que puxou a linha para o sapinho pular nos meus pés, o que me fez desmaiar de medo nessa e noutras vezes futuras. Esses desmaios eram o motivo de me sentir amedrontada, mas ao mesmo tempo amparada, porque Boaz, um menino da minha idade, que morava na mesma rua da casa de minha irmã, não sei se por amizade ou mesmo por amor, me impedia de cair no chão e me apoiava em seus braços. Também não corria com facilidade, mas nunca desisti de

brincar na rua por causa disso. A nossa brincadeira favorita era Pique-cola. Como eu tinha dificuldade para não ser colada, Boaz sempre corria segurando minha mão e me descolava na brincadeira. Ele e eu nos tornamos grandes amigos.

Noutra ocasião desagradável, no caminho de uma das festinhas que fazíamos sempre em casa de um dos amigos, quase na chegada, ouvi uma música triste que eu detestava ouvir porque falava de uma criança órfã. Voltei correndo e chorando, mas Boaz correu comigo, voltou várias vezes até se certificar do termino da canção e então me acalmou levando-me de volta para a festa.

Boaz era um bom amigo e com o tempo ele se tornou o grande amor da minha vida. Meu primeiro namorado. O primeiro amor, o amor à primeira vista... Depois de algum tempo nossos encontros eram muito distantes um do outro, porque só ficávamos juntos durante as férias. E mesmo assim, nada nos separava. Um dia nos encontramos novamente em sua cidade natal e ele estava namorando uma moça que tinha o mesmo nome que eu. À noitinha ele foi a minha casa se justificando. Dizendo que estava namorando outra pessoa e que já tinha uma festa marcada numa cidade perto dali e que iria honrar o compromisso. Eu fiquei triste, mas entendi e concordei. Eram mais ou menos dez horas da noite e ele bateu em minha porta e me disse: Eu não consegui ficar

longe nem parar de pensar em você. A garota percebeu minha inquietação e me falou que entendia o que se passava e que eu deveria ir ao seu encontro. Eu fiquei mais que feliz...

Capítulo 2

O namoro

Nosso namoro começou inocentemente. Éramos duas crianças nos sentindo grandes, imitando os adultos. Numa noite inesquecível, estávamos juntos nós dois e todas as crianças da rua brincando ou jogando Ludo, quando um beijo entre nós aconteceu... E as outras crianças ficaram rindo e resolveram conferir se era mesmo beijo de verdade...

Os adultos estavam todos ocupados com o velório de uma velha senhora que era nossa vizinha. Inclusive essa vizinha sempre dava notícia de nós e foi quem contou para minha irmã que nós

estávamos namorando, tendo dado então o alerta: “*tenha cuidado!*”.

Quando o namoro começou a se tornar público, começaram a surgir os nossos problemas. Enfrentamos vários preconceitos. O de raça, por exemplo, e também de diferenças sociais. Eu branca, loira, de olhos verdes claros. Ele moreno. Negro! - como ditava o preconceito. E de cabelos escuros.

Meu cunhado, que eu chamava de painho, como lhe chamavam seus dois filhos e por causa também da convivência que tínhamos, fazia parte da elite da cidade. O pai de Boaz era um homem muito humano. Profissional liberal, Sr. Boaz era procurado pelo povo mais simples como se fosse o juiz ou o advo-

gado das pessoas humildes, como ele o era.

Nosso amor era “proibido”, mas nós não nos resistíamos. Ficávamos juntos em todas as férias. Somente nos períodos sem aulas. Meu amado era simples, humilde, e também muito decidido. Ele sabia o que queria.

Mais ou menos com quinze anos, Boaz já havia se mudado para Fortaleza a fim de estudar e foi em minha casa para namorar. Minha mãe por preconceito não o recebeu muito bem. Ele logo foi embora e me disse: *“Eu gosto de você. Namorarei com você na rua, na praça, na minha casa, onde for, menos aqui na sua casa. Pois não ando onde não sou bem recebido.”*

Depois disso, por causa da proibição, eu o via em casa de sua irmã onde ele morava, indo da escola para lá sem que minha mãe soubesse, ou fugia dos passeios com meus amigos para estar alguns poucos momentos ao lado dele. Assim, nossos encontros mais demorados eram mesmo nas férias. Em todas as férias, no interior e em casa de Sylvia e Ênio. Eu não desistia dele, mas também tentava namorar outros garotos da cidade e, numa bela noite, houve um momento muito marcante. Minha irmã Nair, bem mais velha que eu, só saía de casa com seus amigos para se divertir, se, por ordem da minha mãe, pudesse me levar junto. Então, fomos a um restaurante à beira mar, eu com Luís, o namorado da época, minha irmã com seu namorado e uma amiga de Nair. Es-

távamos sentados à mesa e um rapaz aproximou-se de nós pedindo licença para sentar-se ao meu lado e me falou baixinho:

– Rute, olhe para a última mesa em sua direção e veja se reconhece o moço que está debruçado. Ele está chorando, é Boaz e se lamenta o tempo todo por ver você acompanhada de alguém que não é ele.

Eu me levantei, pedi licença para sair e fui até lá. Me dirigi a Boaz justificando o namoro com Luís pela proibição do nosso amor e combinei:

– Ninguém tem mais importância para mim do que você. Por isso, quando eu chegar de volta à minha mesa, você vai até lá e convida Maria a única pes-

soa que está desacompanhada em nossa mesa. Convide-a para dançar, eu vou dançar com Luís, em seguida você chega até nós pedindo para trocar de parceiro.

Ele assim o fez e nós dois, de corpo coladinho, escondidos num cantinho da sala, curtimos talvez a melhor noite de amor que tivemos em Fortaleza e durante o tempo que nos restou até seus vinte e um anos. Ele insistiu para fugirmos, mas eu não tive coragem. Aleguei que era cedo e que eu queria me formar e trabalhar para melhorar minha vida. Ele então pediu que eu terminasse o namoro e para conferir ele me disse: amanhã, é sábado é dia de namorar. Às oito da noite eu passarei em frente da sua casa e se você estiver com esse tal

de Luís, nunca mais você me verá. Eu nunca esqueci esse dia em que ele apareceu com um amigo num Jeep 51, deu meia volta e sumiu. Eu estava tentando acabar o namoro, mas Luís não aceitou e ficou muito tempo tentando me convencer de ficar com ele alegando que não tinha motivo para chegarmos ao fim. Boaz não viajou nas próximas férias para a casa de seu pai...

Quando tinha vinte e um anos resolveu sair do Ceará para ir trabalhar no Rio de Janeiro. A despedida foi numa festinha organizada pelos amigos como de costume em Uruburetama, com direito a dedicação através de uma MPB (Música Popular Brasileira) que dizia:

"Tudo vai mudar no dia que eu partir

Vou estar presente em sua solidão

Ninguém vai conseguir matar tanto amor”

E eu retribuí com outra música, concordando e dizendo:

“Ah, eu vim aqui amor, só pra me despedir

Me perdi de tanto amor

Ninguém podia amar assim e eu amei

Vou te olhar mais uma vez na hora de dizer adeus

Vou chorar na hora de dizer adeus

Perdoa se eu chorar”

Mas não gostou de eu ter concordado. Queria que eu dissesse “*Não vá*”.

Mas essa partida não nos separou. Ele vinha sempre de férias. Eu tinha al-

guém que sempre me avisava quando ele chegaria, e sem demora ia ao seu encontro e nada nos impedia de ficarmos juntos. Depois, perdi seu contato, mas mesmo distante nunca consegui ficar sem pensar nele. Eu namorava outras pessoas, mas não conseguia me firmar com ninguém. Eu queria encontrar alguém para mim. Eu desejava ser mãe.

Então, um belo dia ele voltou a sua cidade, eu dei uma desculpa a minha mãe para poder chegar até ele e, pensando eu ter um amor falso, um amor platônico, resolvi pôr um fim em meus sentimentos de amor ilusório. Queria saber exatamente o que ele sentia por mim e se caso não fosse também amada por ele, eu iria realizar meu sonho com outra pessoa. Ele respondeu ao meu

questionamento afirmando que gostava de mim, que sabia que nós tínhamos nossa história, mas que naquele momento não poderia me levar para o Rio de Janeiro. Disse que viajava muito a trabalho e não sendo possível ele me levar junto, eu iria viver só, criar nossos filhos sem a presença contínua dele, o que ele não queria que acontecesse... essa foi nossa despedida até mais ou menos trinta anos depois. Eu não conseguia esquecê-lo. Lutei muito tempo por isso. Fiz o meu primeiro poema escrito assim:

Voar

Sei o teu nome, sei de você, sei dos teus amores.

Amo platonicamente, tenho você em minha mente, vivo apenas por você...

Quero transportar meus sentimentos para o mundo da amizade

Não consigo, vou em frente, vejo você somente,

Com amor e com saudade.

Agora você está longe, não sei quando vai voltar

Espero que ao retorno, o amor esteja morno, mas com asas para voar,

E encontrar uma canção, que me diga é ilusão

Tu não deves mais amar...

Deves encontrar outro pássaro, nesse teu voo pelo espaço,

Que te saiba compreender, que te possa convencer,

Que o amor não é sofrer, que o amor não é chorar...

Que amar é só viver, sorrir, cantar e sonhar,

*Com alguém não sei de onde, que chegou
não sei por que
Um alguém que te quer bem, um alguém
que quer te amar,
Um alguém que junto a ti, vai sorrir cantar
e sonhar!*

Este poema foi datado de 14/02/1984. Um ano depois me casei com outra pessoa e tive duas filhas...

Foi a despedida até mais ou menos quarenta anos depois.

Capítulo 3

Quem sou eu?

Nasci numa família de 18 filhos. Fui diferenciada por uma deficiência física congênita provocada por uma doença de minha mãe, quando eu ainda estava em seu ventre.

Fui uma criança mimada, amada e poupada dos serviços caseiros quando eu decidia ajudar, pois era costume de casa, todos ajudarem em tarefas possíveis às crianças e depois aos adolescentes, já que éramos muitos. Meu pai era um simples pedreiro e também usava a pesca para alimentar toda essa gente.

Hoje vejo essa vontade de ajudar, de “trabalhar”, em meu netinho que com menos de dois aninhos pega a vas-

soura e pá para me ajudar em casa e já consegue montar e desmontar seus carrinhos com um brinquedo que tem todas as ferramentas de plástico. Também já é capaz de pegar um cabo de vassoura para tentar derrubar acerola no quintal.

Ser poupada não me tirou a vontade de ajudar. Na escola eu era ajudada pelos pais dos amigos, pelos amigos de meus irmãos e pelos mestres a ter por completo os livros e todo o material escolar pois meus pais não tinha condições de comprar todos os livros necessários e, por eu ser muito esforçada e estar sempre duas séries a mais do que seria ideal para minha idade, todos faziam questão de colaborar.

Fui tarde para a escola pela dificuldade de andar (só fiz isso após ter dois anos), mas já sabia ler, o que aprendi em casa começando pelas letras nas latas de leite em pó. Aprendi muito cedo a amar a educação. Ajudava nas tarefas escolares dos amigos de infância e seus irmãos menores, por terem que cuidar deles e ensinar seus deveres de casa, antes de poderem brincar. Como eu queria a presença dos meus coleguinhas nas brincadeiras, então muitas vezes fazia esses “serviços” por eles com muita dedicação.

Fui crescendo feliz e bem relacionada. Minha deficiência não me impedia nem mesmo de brincar na rua, de correr ou de andar de bicicleta. Passei um dia inteiro tentando me equilibrar

em duas rodas e não desisti até conseguir, mesmo com muita dificuldade.

Cultivei excelentes amizades em várias cidades. Nos mudamos de município por três vezes até chegarmos na capital de nosso estado. No primeiro ano da família nesta cidade, tive que estudar longe de meus pais e fui para outra cidade morar com uma irmã porque, em Fortaleza, minha mãe não conseguiu encontrar vaga nas escolas públicas.

Eron, a outra de minhas irmãs mais velhas, também foi muito importante em minha vida. Quando criança, ainda no interior, fiz um tratamento para melhorar minha deficiência no andar e ela acompanhava, minha mãe e eu nas viagens importantes que fazíamos para

nossa capital. Também ela me ensinou a ser uma boa profissional pois trabalhei com ela dos 16 aos quase 60 anos quando me aposentei.

Aos doze anos, mais ou menos, começou a fase mais marcante para mim, antes da terceira idade. Minha irmã mais velha era como uma mãe para mim e para todos os irmãos porque sempre ajudava nossa mãe a criar e educar os filhos. Aliás, éramos uma família bem numerosa, unida, e todos trabalhavam e se ajudavam nos afazeres de casa, na sobrevivência. Nada era fácil. Havia muitos empregos, desempregos e também novas oportunidades. Tudo para nós era vencido com dificuldade, mas sempre com união. Estávamos sempre juntos. Julie teve dois filhos

e eu cresci com eles e como irmãos. Vivi mais com eles em sua casa do que com minha mãe. Isso porque meu pai era alcoólatra e eu tinha medo dele. Eu não entendia o fato de meu pai acordar bem cedo para ir à missa com minha mãe, deixando os filhos pequenos em casa e voltar já bêbado. Sempre que papai chegava nesse estado, eu chorava muito e minha mãe mandava alguém me levar para a outra rua onde morava minha irmã.

Meus outros irmãos iam se casando, mas sempre moravam perto de nós e assim, seus filhos, os mais velhos que eu, os da minha idade ou pouco mais novos, eram todos como irmãos para mim. Até foram chamados de tio pelas minhas filhas mais tarde. Nunca pude

esconder meu maior apego com Ênio e Sylvia, os filhos de Julie. Todas as nossas férias eram vividas juntos, ainda que eu não morasse na mesma cidade que eles. Logo que um semestre terminava eu viajava para Uruburetama, a cidade serrana, a minha terra do coração...

Veio a idade adulta, não muito diferente em termos de dificuldades. Houve uma parada nos meus estudos porque eu precisava trabalhar e ajudar na sobrevivência da família, porém sem condições físicas de trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Retornei à escola pouco depois e consegui oficializar a profissão com um curso técnico de contabilidade e depois me formei noutra área, em letras pela UFC (Universidade Federal do

Ceará). Trabalhei muito, casei, tive duas filhas, me divorciei e continuei trabalhando demais, pois criei as filhas sem ajuda do pai.

Com quase sessenta anos, sofri um terrível acidente automobilístico e o médico que me atendeu confessou que não tinha religião, mas que o fato de eu continuar viva era um milagre. Ação que só Deus pode realizar. Milagre!

Três anos depois consegui me sentir uma mulher de verdade, amada pelo que sou, apoiada, completa...

Capítulo 4

A vida dele

No Rio, cidade maravilhosa! Foi ali que o menino - meu grande amigo, meu garoto, meu amor inseparável - viveu. Trabalhou no teatro brasileiro, numa época de serviço mais marcado pela censura. Tudo era censurado, principalmente o teatro. O crítico Arrabal declara em seu ensaio sobre o teatro brasileiro nos anos 70: *“Nunca, em toda a história de nossa formação social, foram proibidos tantos textos dramáticos e tantos espetáculos de teatro”*.

Meu menino presenciou o fechamento de teatros, atuando nas peças ou nos shows musicais invadidos pelos militares para a prisão de artistas. Naquela

cidade ele viveu momentos marcantes e trabalhou muito. Fez diferença nos serviços como bom cearense e também manteve bons relacionamentos com pessoas influentes do Rio de Janeiro. Nas horas vagas do teatro ele trabalhava como vendedor de livros, o que lhe deu oportunidade de instruir-se e se tornar a pessoa de cultura autodidata, ainda que sem formação acadêmica.

Meu Boaz jamais se esqueceu de sua terra natal. Estando de férias, sempre que possível vinha, visitava e revia sua querida família. E eu tinha um cupido, isto é, uma pessoa ligada aos dele, que me avisava das datas de suas vindas e em nenhuma delas eu perdi a oportunidade de estar naquela terra. Na minha terra do coração. Nada nos separa-

va nesses momentos. Eu largava o namorado do momento, ou a minha família e sempre dava um jeito de o encontrar-lo.

Passaram-se vários anos e perdemos o contato. Depois de muito tempo fiquei sabendo que ele estava morando numa cidade do Rio de Janeiro - Arraial do Cabo -, porque havia contraído um vírus - HIV - que na época era sinônimo de morte e aquela cidadezinha era propícia a uma vida mais saudável. Fiquei sabendo também como ele havia sido tratado desse vírus. Foi morar em outro estado, muito bem acolhido por uma família amiga e também muito ajudado financeiramente na aquisição dos remédios caros e importados. Essa ajuda veio de alguns colegas do teatro. Sou

muito grata a todos pelo que fizeram por ele, até porque beneficiou também a mim. Interessantes coincidências. Duas. Um milagre dito pela boca do médico quando eu sofri um acidente e outro milagre por ele ter vencido algo com sinônimo de morte.

Décadas de 70/80. Rio de Janeiro. Censura, repressão, ditadura. Mudanças sociais.

Enquanto eu vivi momentos felizes, alegrias no futebol, reencontros, despedidas, saudades, meu grande amor viveu os momentos mais difíceis no âmbito profissional por causa da censura, das ações militares contra as mudanças sugeridas pelas peças teatrais, das repressões político-militares. Época em que a juventude inaugurou uma era de

rebeldia e desapego material, de contestações aos valores morais e estéticos da sociedade. Época dos festivais de Rock, do consumo de drogas. Época em que os jovens por meio da arte e da música mostravam suas posições alternativas de vida. Época de difusão de ideias revolucionárias. Época de vida poliafetiva. Todas essas mudanças eram mostradas pelo teatro. Daí o motivo de censura e repressão.

Esses momentos, essa cultura vivenciada pelo meu Boaz, me fizeram entender suas ações de distância de mim, de não haver me escolhido desde o início de nosso namoro e também entender e aceitar a profundidade dos meus sentimentos por ele, justificando para mim mesma, o seu comportamento di-

ferente e distante, por amá-lo e por não desistir dele em momento algum.

Momento como aquele em que fui informada por um cunhado seu, num dos encontros de conterrâneos e amigos de Uruburetama, de que Boaz havia contraído um vírus terrível que matou muita gente na época e hoje já está controlável, indetectável... Eu, desesperada, pedi a Deus, mesmo casada, dizendo em oração: Meu Deus, perdoa-me, pois não quero trair meu marido. Eu te peço que deixe Boaz viver. Estou te pedindo por uma vida preciosa para Ti...

Eu via tudo direcionando ao momento em que nós nos reencontraríamos na terceira idade e eu o ouviria declarar: *“Minha vida, todo o tempo que vivi e tudo que fiz, tudo o que passei até o mo-*

mento de viver ao seu lado, foi como um período adormecido.”

Isso me marcou profundamente.

Essa declaração de reconhecimento da importância que eu tinha em sua vida e da reciprocidade do amor que eu sempre senti por ele. Essa afirmativa de vida reescrita é a prova de nos sentirmos completos. De que viveríamos um para o outro...

Terceira idade, velhice, o que é a velhice? Rubem Alves descreve o envelhecer como crepúsculo (perda da tarde, ganho da noite), fala de várias perdas, lembra que perdemos a infância quando chega a adolescência, e esta, quando vem a idade adulta, e assim vai...

Você concorda comigo? A velhice é fase da soma de experiências, de conhecimento, de muitos anos vividos. É o voltar a ser criança, começar de novo. Ser conduzido, ser ajudado pelo outro. É o tempo próximo da volta para casa, para Deus, para o Criador... Em que época Boaz e eu nos reencontramos para nos sentirmos completos? NA VELHICE MESMO!

Capítulo 5

O milagre da vida

Milagre é uma palavra definida como ato ou acontecimento fora do comum. Inexplicável pelas leis naturais. Ato sobrenatural de Deus.

Vida é o espaço de tempo entre a concepção e a morte.

Quando era criança eu detestava ir para a missa porque minha mãe me tirava da rede bem cedo para me levar a igreja, quando a minha vontade era acordar naturalmente e brincar o dia todo. Afinal, no meu pensamento infantil, domingo era dia de rezar, de descansar e de passear, dia de aproveitar o não trabalhar, dia de ficar com as crianças, de se divertir... nesse tempo eu

também queria ser grande, ficar adulta. Ser maior de idade, o que para mim significava ser perfeito, não errar, não pecar contra Deus... Sexo era pecado - assim aprendi. O pecado de Adão havia sido o sexo, simbolizado pela maçã. Porém, já maiorzinha, curiosa e atenta, descobri que eu tinha nascido de uma relação sexual. Fiquei decepcionada! Até com Deus, porque também aprendi que Deus era o dono de tudo e que os humanos não deveriam pecar. Mentir era pecado, mas, mentiram para mim? Tudo era mentira? Fiquei sem entender nada, me senti perdida. Passei dias e dias só pensando nesses assuntos e sem ter coragem de perguntar para minha mãe, nem questionar com ninguém porque, na época, isso não era assunto de criança...coloquei então essa primei-

ra decepção no fundo do baú dos meus pensamentos...

Certo dia, meu netinho de três anos, ao saber do nascimento de um priminho me perguntou:

– Vovó, porque o Bernardo (seu priminho) saiu da barriga da mãe dele?

– Porque ele queria ver os pais dele, e queria brincar com você, respondi.

Ben parou um pouco, e me fez mais uma pergunta:

– Vovó, e quem me botou na barriga da mamãe?

Optei por dizer que foi o Papai do céu, para não desencadear mais perguntas se eu falasse que foi o papai dele que lá colocou uma sementinha. Tem-

pos modernos. Mudanças sociais, visão diferente. Vida diferente. Afinal, o que é vida?

Veio então a segunda decepção da minha vida. Foi o meu primeiro casamento; eu queria ser mãe. Sonhava estar vestindo o branco de noiva. Mas não queria casar. O casamento é indissolúvel - aprendi. Mas não concordava com a submissão da mulher ao marido. Não me submeteria a brigar e continuar casada. Discordar e ter que aceitar. Acabei engravidando antes do casamento, abortando involuntariamente e enfrentando as críticas maldosas e preconceituosas de minha mãe, e também sua rejeição. Mas tudo ficou bem quando veio a benção de Deus, o tesouro, a minha primeira filhinha.

Vivi um casamento frustrado, sem compromisso. Fui traída demais. Sofri bastante, mas não tive coragem de pôr um fim naquela condição de vida desagradável porque eu tinha assumido o que jurara no altar: *“na saúde, na doença... até que a morte os separe...”*

Eu tinha um amor inesquecível. Dizia a meu marido que se eu me encontrasse com essa pessoa em algum momento, iria devolver todas as traições sofridas. Um belo dia, eu estava no trabalho e alguém me chamou ao telefone.

– Vem para cá agora!

– Não posso, estou ocupadíssima.

– Vem logo, Boaz está na minha frente!

Soltei o fone e saí apressadamente. Eu nem me lembrei de que estava casada e que tinha uma filha pequena. Ao chegar, nos sentamos lado a lado, conversamos bastante e eu vi que Boaz já sabia do que havia se passado comigo. Que eu não era bem casada e que já era mãe. Marcamos novo encontro, à noite no Teatro José de Alencar. Ele me convidou para um evento de folga da peça que havia trazido. Isso era costume da companhia de teatro. Ao término de cada temporada eles saiam de folga a um ponto turístico da cidade ou à casa de alguma celebridade local. Confesso que quase não resisti, mas recusei o convite. Não tive coragem de adular. De cumprir o que havia dito ao esposo, quando ferida pela traição.

Antes de reencontrá-lo, ao sair do trabalho, passei por uma lanchonete, tomei um suco sentada à mesa, peguei um guardanapo de papel, e escrevi:

Eu amo você. Eu te amei desde o primeiro momento. Não deixei de te esperar. Sempre acreditei que Deus nos fez um para o outro. Sei que fizemos a escolha do parceiro (a) errada. Agora já estou casada, amo o princípio do casamento. Não acho justa a traição. Largaria o marido por você, apesar de tudo, mas não vejo possibilidade nisso. Acreditei também que, se Deus não desse um jeito para nós aqui na terra, daria no céu...

Entreguei o papel a ele e pedi que a leitura do mesmo fosse feita no avião durante a viagem ou já em casa. Fiz isso por temer não resisti-lo caso ele tentasse

me convencer e eu ficar com ele, o que acontecia em todas as vezes em que nos encontrávamos. Meu casamento foi péssimo, fui traída dentro de casa, às minhas vistas. Suportei falta de carinho e incompreensão. Não me senti valorizada. Na realidade nunca me senti amada naquela escolha que fiz.

Fiquei casada ainda durante nove anos. Num belo dia, depois que ele havia se relacionado com várias mulheres sendo casado, notei que ele estava apaixonado. Achei que o havia perdido porque entendi que seu olhar para Janaína teria sido igual ao que ele me olhou pela primeira vez. Apaixonado! Senti que eu não fazia mais parte de sua vida. Não desisti. Nunca fui de desistir. Lutei com todas as forças pelo que eu havia

jurado no altar... agi com tranquilidade. Conversei sobre o assunto. Adverti. Falei que “as palavras da mulher adúltera são ciladas profundas”. Ele nunca admitiu que me traia, negou até o fim e um dia me chamou para conversar, disse que eu tinha razão, que ele gostava de outra pessoa e que queria o divórcio. Foi terrível esse dia. Sofri muito. Aceitei. Tinha duas filhas pequenas, achava desesperador a destruição da família. Não aceitava o divórcio, mas concordei amigavelmente com o nosso...

Foi aí que comecei a buscar ajuda nas igrejas, perambulei por várias igrejas de doutrinas diferentes, sempre com curiosidade e com vontade de encontrar o verdadeiro Deus...

Eu conversava muito sobre as diferenças doutrinárias, era criticada pela minha maneira de pensar, de concordar ou não com certos pontos, certas exigências ou certos costumes como o celibato, a reencarnação, os pequenos deuses, as procissões, a romaria, a vida depois da morte, etc. Gostava muito de ler sobre tudo isso e conversar sem discutir ou querer impor o meu modo de ver cada questão.

Certo domingo, fui convidada para um culto numa igreja que minha amiga estava frequentando pois buscava ajuda para seu filho drogadicto. Filho único, um adolescente que havia se tornado dependente de drogas. Eu aceitei seu convite e logo no louvor eu acreditei no que ouvi, achei que o Deus apontado

naquela música era o Deus que eu procurava. O verso dizia:

“Eu tinha muita coisa impossível para realizar e pensei: Esse é o Deus que eu quero para mim.”

Dentro de instantes o pastor daquela igreja perguntou: *“Existe em nosso meio alguém que queira aceitar Jesus como Senhor e salvador da sua vida? Não diga isso para mim, mas para o Deus vivo, para o Pai...”*

Não tenho palavras para expressar o que eu senti naquele momento. Não sei definir o peso que sentia, a dificuldade que eu tinha para levantar minha mão e afirmar minha aceitação ao Deus do impossível. Ganhei a vida naquele mo-

mento, Jesus é a vida! A vida tem nome próprio. Cri!

Comecei então a estudar. Eu tinha sede de Deus. Eu queria conhecê-lo. Na verdade eu queria mesmo era resolver minhas questões tão impossibilitadas. Nesse dia acreditei no Deus capaz de tudo e no Deus que me ajudaria. Resolvi aceitar Sua ajuda... Ao longo da caminhada tive muita dificuldade em aceitar Deus como Pai. Meu conceito humano de pai era muito negativo. Durou algum tempo para entender o amor incondicional de Deus com seus filhos. Foi a parábola do filho pródigo que me ensinou o conceito real da paternidade.

Além do Deus verdadeiro eu queria também ter uma religião verdadeira. Eram muitas religiões, era muita dis-

cussão a respeito delas. Cada pessoa queria eternizar a sua religião. Convencer. Eu não via necessidade disso, afinal, Deus, o criador de todas as coisas era um só. Em minhas andanças de leitura me deparei com a explicação mais completa, mais convincente da diferença entre Jesus Cristo e religião: *“O Cristianismo não é uma religião. Religião é seres humanos tentando alcançar Deus por meio de boas obras. Cristianismo é Deus vindo aos homens e mulheres por meio de Jesus Cristo.”* Não parei mais de segui-Lo, de ler, de me aprofundar.

Crer que *“Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”* (Romanos 8:28) e aceitar que não fiz parte na minha salvação também foi muito difícil. Porém, em Efésios 2:8 está

escrito: *"Porque pela fé sois salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus"*. Contudo, Deus deu prova de Si em minha vida. Fez o impossível acontecer. Deu um jeito para mim e o grande amor da minha vida aqui na terra e também lá no céu, pois eu o ouvi clamar: Deus, Senhor, me ajuda eu estou em aflição. Foram suas últimas palavras. Tenho certeza que ele foi para a presença de Deus. Ele creu na Vida, em Jesus, e eu creio no que o Senhor disse na cruz ao ladrão crucificado ao seu lado que acreditou n'Ele: *"Hoje estarás comigo no Paraíso"* (Lucas 23:43). E também provou o que diz o versículo citado na primeira frase deste parágrafo quando permitiu que eu passasse pelo divórcio e pela conversão para chegar ao que mais impossível era para mim:

viver um relacionamento perfeito, completo, feliz, embora por pouco tempo, com o grande amor da minha vida, alguém que nada nos separou, alguém que confessou ter vida perfeita ao meu lado. Deus nos deu um relacionamento firmado n'Ele e selado pelo Espírito Santo, vivendo o verdadeiro sentido do amor. O amor que vem de Deus, que traz paz, alegria e que nos faz sentir-se amados pelo que somos. Um amor que em verdade faz sentido, porque tem Deus. Eclesiastes 12:13 diz: *"Agora que já se ouviu tudo, aqui está a conclusão: porque isso é essencial para o homem, ou seja, nada faz sentido sem Deus."* Jesus é o Deus vivo. Ele venceu a morte. A vida tem nome próprio: Jesus! Não há como viver sem reconhecer ou aceitar o autor da vida. Viver verdadei-

ramente é um milagre. Essa ação só Deus a faz. Isso se chama milagre...

Capítulo 6

Foi possível sim!

Sou sempre grata a Deus por tudo que fiz, por tudo que vivi e por fim direciono a minha gratidão aos últimos três anos mais bem vividos. Na realidade são mais de cinco anos de vida diferente, plena e mais feliz. Boaz foi e será inesquecível.

Em 2013 encontrei uma pessoa muito ligada a ele: seu primo Genna. Perguntei a ele - que também morava no Rio de Janeiro - se tinha contato com Boaz. Disse-me que sim. Esse foi um dia de encontro com a família de Genna, que eu conhecia desde o tempo que conhecia também Boaz.

Era sábado e eu estava na casa de Julie. Zeairton, irmão de Genna, tinha formado um filho em odontologia e queria comemorar esta vitória numa fazenda e gostaria que eles estivessem presentes. Enio me informou da presença do amigo e eu fui ao seu encontro para cumprimentá-lo. O convite foi estendido a mim e no dia seguinte Julie, seus dois filhos e eu fomos participar da comemoração. Estavam na festa os pais de Genna, seu irmão e duas irmãs, além das crianças e da filha de Genna. Estávamos todos à mesa, quando eu falei: — Genna, já que você tem acesso a Boaz, por favor, dê esse recado a ele, assim que o encontrar: *Diga-lhe que aqui em Fortaleza tem alguém que o ama, que nunca se esqueceu dele e que realmente gostaria de estar ao seu lado, ainda que fosse como cui-*

dadora. Que tenho coragem de largar tudo aqui para morar no Rio de Janeiro, em sua companhia, é claro. Sabendo que ele está só, doente e precisa de muita dedicação. Certamente eu faria tudo isso com muito carinho e por amor. Boaz não precisaria gostar de mim ou me aceitar como mulher, mas apenas permitir que eu pudesse cuidar de sua pessoa.

As Irmãs de Genna ficaram perplexas ao ouvir essa declaração. Disseram-me dias depois que nunca tinham ouvido algo assim tão empolgante e sincero. Que não esqueciam e sempre contavam aos amigos com muita emoção e admiração.

Depois do acidente em que fui vítima, resolvi ajudar meu sobrinho que tinha a mesma profissão que eu, para não

parar, não me sentir inútil. Zominho, também era como um irmão para mim. Saiu do interior para trabalhar em Fortaleza e veio morar conosco, na casa da vovó, minha mãe. Tivemos uma relação muito bonita. Nos divertíamos muito nos barzinhos com música ao vivo e saíamos dos shows para fazer serenata para os amigos aniversariantes. Cantar era um hobbie nosso. Eu tinha também muita facilidade de escrever sobre temas solicitados e por isso, cheguei a criar uma paródia para um bloco de carnaval coordenado por Zom nos anos oitenta.

Trabalhei com ele por um bom tempo. Nessa época, o amigo da tia, que nem era considerada assim nem era chamada de titia, já estava casado e sua

esposa fazia parte do meu grupo de amigas. Nos conhecíamos a muito tempo. Sua mulher e eu tivemos muitos momentos felizes juntas, antes dela se tornar minha “sobrinha”. A partir dessa união ficamos mais ligadas ainda. Daí, Mara me chamava de tia Rute algumas vezes, principalmente junto aos nossos filhos e a minha família.

Essa ação profissional sem vínculo empregatício foi o início da minha caminhada ao sonho ainda não realizado, porém jamais esquecido.

Da sala em que eu era locada dava para ouvir o que o chefe conversava com os clientes caso não fechasse a porta de seu escritório. Uma voz muito familiar me chamou a atenção. Fiquei muito ligada ouvindo aquela voz para

identificá-la. Quando a cliente saiu, me dirigi ao “patrão” e lhe perguntei quem era aquela cliente, e ele respondeu ser a dona de uma padaria do bairro da parquelândia. Insistí na identificação, até Zom dizer o nome da empresária, um nome pouco comum como de alguém que eu havia reconhecido a voz e que era prima de Boaz, da sua cidade natal, minha terra preferida. Pedi permissão a Zom para falar com ela na próxima visita que não demorou muito e que realmente se tratava da pessoa que eu havia pensado. Ela me disse que Boaz continuava vindo passear em nossa terra do sol e que eu poderia encontrá-lo nas redes sociais.

Encontrei logo, mas ele não era ligado nisso. Passava dias sem acessar a

moderna maneira de relacionar-se. Achei uma sobrinha dele que conheci ainda bebezinha, pois ele, que cuidava dela, sempre a levava para nossas brincadeiras de criança no passado. Apelei para ela, me identifiquei como quem a conhecia desde pequenina, e nada... Eu não conseguia falar com Boaz.

Um belo dia, conversando com Sylvia pela internet, ela me disse: *“Boaz falou comigo! Boaz me aceitoouuuu!! Eu gelei na hora!”*

Logo alguém escreveu entrando na conversa.

“Oi, minha Rutinha...”

Fiquei mais que emocionada, Sylvia saiu e Boaz e eu continuamos o bate-papo. Então escrevi:

– Boaz, estou chorando de emoção só por estar conversando contigo, pode?

Ele escreveu como resposta:

– O amor se sente...

Eu não me cansava de declarar meu amor por ele, e ele sempre desconversava, demonstrava que não estava vendo. Mas eu não parava e um dia escrevi:

“Não importa o que você é, o que importa é o que eu sou quando estou contigo...”

Nossa amizade continuou por muito tempo, houve um intervalo de quase três meses sem que eu soubesse nada a seu respeito, mas ele retornou sem contar o que havia acontecido, só falou que teve um probleminha de saúde. Depois

soube que ele havia se queimado no fogão e passou três meses sem andar...

Minha filha mais nova estava de casamento marcado e eu havia prometido fazer uma festa bonita com buffet, decoração, vestido branco muito lindo, cerimonial e tudo que uma noiva tem direito neste dia, pois a outra minha filha teve o direito de comemorar seus quinze anos com toda pompa e ela não...

Os preparativos eram feitos com muito cuidado, porém numa época de muita tensão. As despesas também me preocupavam pois tinham coisas a acrescentar no orçamento que nós quase não podíamos pagar, mas deu tudo certo. Meu amigo Boaz conversava quase diariamente comigo e me deu muito apoio nesses momentos difíceis. Nós

nos relacionamos muito bem nessa época, mas eu não conseguia vê-lo como amigo. Aqui e ali eu repetia aquela frase de que o que importa é o que eu sou ao seu lado, na sua companhia. Boaz me acalmava, sempre me dava razão, demonstrava que entendia minha preocupação e quando não concordava comigo tinha um jeitinho muito carinhoso de me contestar e de conversar até que concordássemos mutuamente com a decisão final. Nossos momentos não muito bons sempre foram resolvidos assim. Em comum acordo.

Era março de 2016. Eu vi uma foto de Boaz com sua família numa comemoração de casamento numa igreja que eu reconheci na pintura muito linda de anjos nas nuvens do céu e eu reconheci

que se tratava de uma igreja em Fortaleza. Fotos, fotos, sempre fotos. Eu amo fotos. Como prova disso, acabei pegando fotos da minha família, das pessoas que eu ainda não conhecia pelo fato de ter uma família muito numerosa e dispersa e transformando essas fotos colhidas nas redes sociais em um vídeo foto e apresentando aos membros que eu tinha acesso numa comemoração de festa natalina. O presente foi concedido a cada família e entregue ao seu representante, antes da amostragem. Para a família não representada naquele momento ficou seu presente guardado por quem tivesse melhor possibilidade de entregá-lo. Pois bem, reconhecendo o painel da igreja na foto de Boaz, eu corri para as redes sociais e pergun-

tei cheia de certeza, de encanto, de felicidade e de esperança em revê-lo:

– Você está em Fortaleza?

– Sim, vim ao casamento de minha sobrinha.

– Nossa, não te perdoo se a gente não se encontrar!

– Claro que vamos nos encontrar. Hoje à noite eu irei ao teatro ver um show musical de uma amiga. Célia, minha sobrinha, e duas amigas irão comigo. Podemos nos encontrar lá, você concorda? Está disponível?

– Meu coração pulou de alegria. Irei com muito prazer, respondi tremulamente...

Saí correndo e fui ligar para Sylvia.

– Estás de pé? Perguntei quando ela atendeu o telefone.

– O que foi, quem morreu? Ela perguntou.

– Calma! Ninguém! É apenas uma boa notícia, falei.

– Fala logo!

– Te prepara, te arruma, pega teu carro e vem aqui me pegar. Iremos ao teatro daqui a uma hora e meia. Temos pouco tempo...

– Vou nada... dirigir de noite... não vou. Mas...o que é mesmo?

– Boaz está em nossa cidade e iremos nos encontrar já, já, e você é a pessoa mais indicada para me acompanhar.

Ninguém toparia ir comigo. Se arruma logo, temos pouco tempo...

E logo ela concordou, fui até sua casa e de lá saímos rumo ao Teatro Carlos Câmara para o reencontro mais desejado em toda minha vida. Sylvia tinha medo de dirigir à noite, de sair de casa dirigindo, porque há pouco tempo havia sido vítima de um assalto. Seu carro foi tomado em frente ao trabalho com ela dirigindo sob o comando do assaltante que desistiu dela para assaltar outro carro mais potente e a deixou dentro da garagem do outro dono. Ficou o trauma. Por isso. Iasmin, sua filha mais nova, nos levou até o local e foi nos pegar ao término do show. Show? Que show? Ah, o trajeto foi de muito nervosismo. Eu pensava em revê-lo, abraçá-

lo, beijar sua boca, mas ao mesmo tempo pensava em me controlar temendo não ser correspondida. Eu tremia toda, não sei se de medo ou de emoção. Para reforçar o trauma de Sylvia, ainda presenciávamos um assalto ao carro da nossa frente...

Chegamos ao local. Tinha uma pequena escadaria de frente, a porta estava aberta, mas uma pessoa controlava a entrada apenas por uma cortina fechando a porta. Parei para refazer meu emocional. Para aceitar o que acontecesse dali para a frente. Dei uma espiadinha abrindo um pouquinho da cortina para olhar. O show já havia começado. Boaz estava de pé, com o olhar ansioso e fixo naquela cortina de entrada. Nosso lugar estava guardado e todos se

afastaram para que Boaz e eu sentássemos lado a lado. O show rolou com muita percussão, o som da música era só o que chegava aos nossos ouvidos porque nós não prestamos atenção no show. Apenas conversamos e conversamos como quem queria lembrar dos bons momentos juntos ou recuperar o tempo perdido. Foram momentos muito prazerosos, porém chegaram ao fim. Foi marcado por um beijo de amigo!? Eu tentava beijar seu rosto e ele tentava beijar minha boca. Ficou engraçado. Demos um “selinho” e foi registrado em foto, para variar. Guardei esta e todas as fotos que marcaram nossos momentos juntos. Também logo, logo, as transformei em vídeo foto com músicas românticas e adequadas.

Continuamos conversando pelas redes sociais e Boaz quis viajar ao interior para rever os familiares que lá moravam. Me ofereci para ir junto. Tentamos arranjar um motorista para ir dirigindo meu carro e na véspera do dia marcado a pessoa encontrada para tal não pode ir passear conosco. Fomos os dois de ônibus, sentados nas duas primeiras cadeiras. Conversamos bastante, revivemos vários momentos juntos e muitos deles Boaz já não lembrava. Outros ele tinha vaga lembrança, não com tantos detalhes que eu fazia questão de falar. Alguns me fizeram entristecer por não serem lembrados por ele e sua declaração de não lembrar sempre vinha acompanhada do pedido de desculpas. Minhas lágrimas rolaram no momento em que o ônibus entrou na cidade e eu

fiz questão de explicar que aquele choro era lembrança das vezes em que ele voltava do Rio para lá, eu avisada pelo nosso cupido, corria até a última parada do transporte emocionada e trêmula para rever meu grande amor. Ele disse: *“Não chora, eu estou aqui.”*

Eu ouvi essa frase repetidas vezes, durante o nosso convívio, porque a cada lembrança do que vivemos antes, a cada momento bom, feliz e prazeroso ao surgir novo evento juntos, nova alegria, eu chorava emocionada, eu agradecia a Deus e de novo aquela frase zumbia no meu ouvido...

Chegamos na terra do sonho. Caminhamos de mãos dadas até a casa de sua tia que já não morava lá e fomos recebidos por outra tia que apenas cuida-

va da casa e nos entregou as chaves, deixando uma pessoa para cuidar da casa, da comida e de deixar tudo pronto, arrumado e disponível para nós dois. Foi muito gostoso estar ali novamente e em outras condições. Dormimos no mesmo quarto, de rede e de mãozinhas dadas até o momento em que ele dormiu primeiro e eu quase não dormi naquela noite olhando e velando seu sono por muito tempo, contemplando a alegria daqueles momentos. Na manhã seguinte ele declarou que aquela noite tinha sido a noite mais bem dormida até então. Tomamos café lado a lado e saímos para comprar as frutas que tínhamos costume de comer quando “crianças adolescentes” íamos juntos aos quintais dos amigos para saborearmos as frutas que nós mesmos

colhíamos. O tempo havia passado, já não existia mais aquela fartura que conhecêramos. Fiquei muito triste porque Boaz precisava de frutas em sua alimentação e eu estava pensando na abundância de bananas, mexericas, mangas e outras frutas, mas voltamos apenas com melancia e laranjas. Que pena!

Durante o dia nós passeávamos a pé e de mãozinhas dadas como sempre, mas apenas como amigos, apesar do cuidado e carinho que ele me tratava, nada de namorar. Houve uma linda manhã em que acordei com ele cantando na janela: “Acorda Maria Bonita”. Outro dia eu acordei sozinha, estranhei, fui até a cozinha e a moça me disse que eu tomasse café, que ele havia saído e talvez demorasse. Me sentei à mesa não

muito satisfeita e ele logo chegou e tomou café comigo. Quando terminei de comer, vi sob o pires, um papelzinho bem dobradinho, com o meu nome. Quando abri, tinha um texto assim: Querida Rutinha, perdoe por eu não estar a seu lado. Vou à barbearia para ficar mais bonito para você. Não me espere para se alimentar. Já, já eu volto. Beijos, Boaz. Ele não apenas colocou seu nome no final. Deixou marcado o bilhete com sua assinatura, como já havia feito outra vez quando me deu um vinil compacto de presente. À noite também nos divertimos muito. Um sobrinho seu sempre saía conosco e não nos deixava pagar nenhuma conta. Foram dias maravilhosos. Registramos tudo que vivemos ali em fotos e na volta para Fortaleza nos despedimos com um beijinho

no rosto e ele disse-me que teve imenso prazer em estar comigo durante aquela viagem. Me senti muito bem ao seu lado. Ele foi para a casa de sua irmã e eu voltei para a minha. Não resisti. Na véspera dele voltar para o Rio de Janeiro, combinei com Oseias, nosso amigo de infância, de ir a casa em que estava Boaz para visitá-lo, e nosso amigo topou o convite e fomos nós a ficar até tarde da noite num bate papo legal e lembramos nossos momentos juntos. Oséias lembrou do quanto eu era apaixonada por Boaz; já tarde da noite, continuamos nos divertindo muito e novamente nos despedimos.

Tomei a atitude de transformar todas as fotos nas quais registramos nossos poucos, mas maravilhosos momen-

tos vividos juntos em Fortaleza num vídeo foto com fundo musical que dizia: *“Amigo, de longe, pergunte a Deus sobre mim... vai saber que te amo demais, amigo.”* Eu deixei o vídeo com sua sobrinha para mostrá-lo, mas não deu tempo de ver antes de voltar pro Rio. Ela tentou enviá-lo, mas não conseguiu... e ao saber que a minha tentativa indireta de conquistá-lo novamente havia falhado, busquei alguém que me ajudasse e consegui enviar o vídeo por e-mail. Fiquei triste com o comentário dele. Ele me ligou e apenas disse que o presente estava legal. Não desisti. Continuamos nos comunicando não só mais pelas redes sociais, mas também por telefone.

Não se passou nem mesmo uma semana, e numa tarde, linda tarde em

que eu me embalava numa rede cantando as músicas que me faziam lembrar dele e.... e... meu telefone tocou, vi sua chamada e logo atendi. Do outro lado, sua voz diretamente falou:

- Você quer namorar comigo? Fiquei pasma, atônita, calada. Não tenho palavras para explicar a emoção daquele momento. Não sei por quanto tempo fiquei assim, tão parada! Sua voz desesperada me dizia:

- Fala comigo, Rutinha, responde! Você quer namorar comigo...? Responda por favor...

E eu, com a voz trêmula, quase que chorando de emoção, falei:

- Claro que quero namorar com você! Você é o grande amor da minha vi-

da, nunca escondi isso de ninguém. Esse é o momento que eu mais esperei em todos esses quase quarenta anos longe de você... eu te amo muito, Boaz...

Encerramos a conversa mais que apaixonada porque eu queria compartilhar aquele momento de alegria com Sylvia e com minhas filhas. Me dirigi à casa da minha filha mais nova onde eu estava almoçando antes de voltar para casa. Cheguei sorrindo, ela notou minha felicidade e me perguntou se eu havia visto passarinho verde. Expressão usada para dizer que a demasiada alegria era notável... E eu comuniquei que Boaz acabara de me pedir em namoro. Todos os familiares presentes naquela hora ficaram parados ao ouvir a notícia, porque sabiam dos meus sentimentos

por Boaz e minhas duas filhas se mostraram enciumadas... Na realidade eu tinha combinado de ir para a casa de Julie, e ao chegar lá falei que eu estava muito feliz por estar namorando. A alegria de Sylvia e Ênio foi mais aparente quando eu falei quem era o meu novo namorado...

Daí começaram nossos dias de cumplicidade, de muito amor, de dependência um do outro. De quase todos os momentos juntos. Pelo telefone. Onde eu ia ele estava comigo, no meu ouvido. Participando do que eu estava fazendo... Foram dias maravilhosos. Meus amigos sinceros e alguns membros da minha família, notando que mesmo de longe nós estávamos sempre

juntos, demonstravam que também estavam felizes por mim...

O namoro não durou muitos dias porque eu já comecei a pensar na possibilidade de casamento, de morarmos juntinhos um do outro, de dormir e acordar com ele, de tê-lo por inteiro. Só para mim... não me contive, não esperei pelo pedido de casamento feito pelo homem, como esperavam as mulheres seguidoras, dependentes do Livro Sagrado... Me antecipei, e fiz a proposta de união oficial. Ele pensou por instante e me pediu para esperar mais um pouco, para deixar a ideia amadurecer, pois ele nunca havia pensado em alguém com seu sobrenome. Falou também que casamento era um compromisso muito

sério e ainda não se sentia preparado para tal...

Três dias depois eu estava dormindo, eram duas horas da manhã e eu acordei assustada por causa do horário. Geralmente uma ligação fora de hora era motivo de assustar-se, de pensar que íamos receber más notícias. Quando percebi que se tratava de meu namorado, fiquei mais apreensiva ainda e de pronto perguntei o que havia acontecido. Ele me tranquilizou e falou firmemente:

– Quero me casar com você. Aqui ou aí. Pode organizar tudo e marcar a data.

Eu gelei de emoção! Ficamos vários minutos conversando sobre o que fazer

e quem convidar para a festa. Decidimos fazer uma festa simples sem muito gasto, uma festa pela manhã, apenas com uma mesa de frios e a presença das duas famílias e dos nossos amigos de infância - adolescência.

Minha irmã nos emprestou sua casa de praia para realizarmos o evento, mas quando viu que não eram poucos os convidados e que a festa era simples, sem muita comida, ela achou que as pessoas estariam mal alimentadas em sua casa, Mara me pediu para arranjar outro local para a comemoração. Ela alegou que não queria passar vergonha. Para nós, o foco era o encontro dos nossos entes queridos no nosso dia D. Não importava fazer uma festa pomposa.

Todos sabiam que não tínhamos condições para isso...

Me senti barrada, fiquei muito triste, quase não tive coragem de contar a Boaz o que estava acontecendo. Quando disse a ele que não haveria mais a nossa festa, despertei uma imensa tristeza, e ouvi a expressão chavão:

– Você jogou não só um pouco, mas um caminhão de areia sobre a minha cabeça...

Fiquei sem palavras, mas não desisti do meu sonho. Tínhamos combinado nos unirmos em maio, mas, na data marcada, eu me arrumei toda, vestida de branco e liguei para Boaz e juntos fizemos nossos votos de casamento, num texto assim:

Eu te aceito como meu marido, meu homem, que Deus criou à Sua imagem e semelhança, e hoje 09/05/2016, me entrego a ti, para sermos uma só carne. Eu prometo te amar, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza; prometo também decidir junto contigo tudo que for necessário na construção de nossa vida, na conservação de nosso amor.

Beijo agora tua mão esquerda onde está em seu anelar, o símbolo do nosso amor e da aliança firmada com Deus e entre nós. Nela, prometo ainda te amar e respeitar em todos os dias de nossa vida. Selo então nossa união, em nome de Jesus Cristo, filho de Deus Pai todo poderoso e do Espírito Santo, Amém!

Boaz repetiu o que escrevi após a minha leitura de cada parágrafo, exceto

o “está em seu anelar”, porque assim que decidimos nos casar ele comprou as alianças, as gravou com esta data e começou a usá-la. Eu só fiz isso depois, porque no início de junho eu parti para o Rio de Janeiro ao seu encontro e nós esperamos até outubro para a justiça pública realizar o nosso casamento sem ônus. Era muito caro, não tínhamos condições de pagar.

Nossos dias de espera foram ansiosos, mas já vivíamos muito felizes. Minha chegada ao Rio foi muito emocionante. Não viajei sozinha, minha amiga Joe ia resolver algo no Rio e eu aproveitei para marcar minha viagem junto com ela. Ao chegar, Boaz já me esperava no Galeão (Aeroporto do RJ) e Joe, tentando registrar nosso primeiro mo-

mento em foto, acabou fazendo um vídeo. Guardo-o carinhosamente...

Viajamos de novo lado a lado, até nosso lar perfeito. Nossa casinha simples e aconchegante, onde Boaz morou sozinho por muito tempo... Era uma casa pequena, com apenas três cômodos, no alto, com uma escada um pouco íngreme, mas que não tive dificuldades para subir. Subi sem levar nada, pois Boaz subiu e desceu mais de uma vez e não me deixou carregar a bagagem... Desfizemos as malas juntos, arrumamos tudo também juntos. Boaz já conservava arrumadas várias roupas de frio que havia providenciado para mim por causa da mudança de clima. Nossa primeira noite foi inesquecível. Era como eu sempre quis. Dormir ao lado do meu

amor, meu primeiro amor, meu grande amor e acordar sentindo Boaz do meu lado. Antes de dormir, conversamos bastante sobre o passado e Boaz colocou uma música do nosso tempo jovem para ouvirmos e me convidou para dançar... Houve valsa também, dançamos muito, nos divertimos como no nosso tempo de juventude. Só com maior intensidade, pois agora estávamos sozinhos, na nossa casa e vivendo um para o outro. Quanta emoção!

Acordamos no outro dia já tarde. Boaz me preparou um delicioso café da manhã. Com frutas, suco, cuscuz, tapioca, café, leite e queijo... do jeito do nosso Ceará. Após o café, Boaz me levou para a praia. Curtimos o azul do mar carioca. Fiquei deslumbrada com o horizonte

marcado por montanhas, coisa que não se via no nordeste do Brasil. Voltamos para o almoço e à tardinha pude ver o pôr do sol mais lindo, mais perto de mim, que os outros já vistos. Lindo! Muito lindo! Emocionante, em casa! Vivemos quatro meses de muita emoção e de espera ansiosa pelo nosso dia D. Passeamos bastante para conhecer a cidade pequena e paradisíaca. Boaz me apresentou aos amigos, para almoçar com eles e para curtirmos festas maravilhosas com amigos artistas locais. Fui muito bem recebida pelos amigos de Boaz. Todos me esperavam ansiosos para conhecer a mulher que havia mudado Boaz. Que o havia deixado extremamente feliz. Ouvi esse tipo de elogio de muitos dos seus amigos.

Chegou enfim o dia de oficializar a nossa união. Na véspera, tive o prazer de receber minha filha mais velha e minha irmã Eron. Fomos ao cartório e lá houve uma cerimônia simples, bonita e aconchegante. Eu desejei muito ter o sobrenome de Boaz, porém, conservei o de minha mãe, de meu pai e acrescentei o de Boaz no final. “Orgulho-me” ...

Na manhã seguinte começaram os preparativos para a cerimônia religiosa. Íamos casar num quiosque da praia, mas o tempo de tempestade não permitiu. Tivemos que mudar o local. Junior, amigo de Boaz, vendo nossa dificuldade, ofereceu sua casa para realizarmos a festa e de surpresa arrumou tudo, decorou lindamente, fez docinhos e providenciou tudo. A festa foi

linda! Toda patrocinada pelos amigos. Foi uma festa muito alegre. Recebi muitos elogios, e alguém falou para mim assim:

– Rute, eu nunca presenciei uma festa tão linda! Tão harmoniosa! Ninguém está triste nesse local. Tudo é só alegria.

Esse amigo de Boaz veio do exterior para nos prestigiar e ainda me falou:

– Eu nunca chorei na frente de ninguém, e hoje você me fez chorar na frente de minha mulher.

Houve contratempo neste dia. Eu fiquei dentro do carro lá fora, junto com o fotógrafo e minha filha chegou dizendo:

– Mãe, tu não vais entrar cantando, está faltando microfone, não veio o microfone.

– Vou cantar sim! Chame o pastor. Na igreja tem microfone sem fio.

Mais tarde...

– Mãe, chegou o microfone, mas está rolando discórdia, porque Grace quer mudar a ordem das coisas, para seguir o costume, mas Boaz chegou e ordenou. Vai ser como Rute quer e pronto!

Grace era uma palestrante espírita, amiga de Boaz.

Entrou o pastor, depois Boaz, Grace leu sua prece, e me chamaram para entrar. Li um texto escrito assim:

DIA D

Hoje é o dia D! Dia D entrega.

Sonho.

O grande sonho.

Amar.

*O maior amor,
o verdadeiro amor.*

O mais puro amor.

Hoje é dia também D agradecer...

De agradecer a Deus pelo presente, pelo maior presente, o presente que se chama Boaz. Dia de agradecer a você Eron, minha irmã, minha mãe, por estar aqui. De agradecer a você Yara, minha querida filha, por ter vindo de tão longe para participar deste lindo dia comigo. Dia de também agradecer à família do coração, pelo muito que acolheu, que amou, que ajudou meu Boaz e que hoje

está aqui presente. Quero dizer que todos vocês agora já moram em meu coração e que já fazem parte de mim. Obrigada a você, amigo presente. Sinta-se tão importante para nós, quanto as nossas famílias aqui representadas.

Hoje para mim é dia de ser feliz, de ser completa, de acreditar, de viver e não mais sonhar. Não mais sonhar em conquistar este amor, como por muito tempo sonhei, pois ele já chegou. Hoje é dia sim, de sonhar em construir e em realizar o melhor em mim, o melhor em ti, meu amor. E assim, não vou parar de sonhar, porque ainda não é o fim. Nós iremos seguir juntos, nós precisamos continuar. Nós precisamos provar, demonstrar, e tentar lhes fazer acreditar que o amor existe e que é possível. Por-

que o AMOR é a essência de Deus. Porque Deus por todos nós demonstrou seu imenso amor. Ele tudo já nos fez e tudo nos dá. É só crer e ver. Eu creio sim, no Deus do impossível que hoje me entregou o meu você! E me deu para de verdade te amar, BOAZ BASTOS! Hoje, meu querido, eu sou e estou mais feliz ainda como Rute Bastos, complemento de ti.

Obrigada Deus por esse imenso presente! Obrigada Boaz, por ter me escolhido, me aceitado como sua mulher! Saiba que eu amo te amar!

Queremos, enfim, Boaz e eu, em especial e de antemão agradecer às nossas famílias, aos amigos, ao pastor e aos irmãos aqui presentes. A todos vocês que

hoje nos prestigiam, nossos sinceros agradecimentos.

E entrei cantando uma música romântica que dizia: *“Quero sentir o êxtase de ser amada!”*

Tudo começou pela manhã, mas a festa rolou até tarde da noite. Com muita alegria, muita diversão e muito amor...

Desse dia em diante, nós passamos a viver bem mais juntinhos e mais felizes, fazendo tudo a dois, andando sempre de mãos dadas como dois apaixonados. Nosso viver feliz impactou a ponto de sermos parados na rua para nos perguntarem o segredo de nossa harmonia, de nossa felicidade transparente e de termos a oportunidade de re-

forçar o conceito de amor verdadeiro. Nós passeamos muito, fizemos várias viagens maravilhosas. Nossa lua de mel aconteceu em Gramado, acompanhados de vários amigos do Ceará, pois ao reencontrar Boaz eu já tinha programado uma excursão e Boaz incluído nela. Para nossa alegria a viagem coincidiu com o período do pós casamento. Na volta, ficamos no Rio de Janeiro para que Boaz cumprisse o que me havia prometido: andar nos locais cariocas que ele gostava de passear, agora acompanhado comigo. Tive o privilégio de comemorar meu aniversário, de fazer uma festinha carioca acompanhada de Boaz e seus amigos. Fiquei muito lisonjeada e feliz, pois a "Cidade Maravilhosa" era sempre algo muito distante e impossível para mim porque no passa-

do, na adolescência, as primas de Boaz vez ou outra passavam férias com ele no Rio e eu nem ousava ter condições para tanto... Também pude ver uma peça teatral, conhecendo vários atores do teatro e da televisão e também artistas da música, o que sempre fez parte de nossa vida. Foi muito gratificante esse evento e claro, como de costume, tudo ficou registrado em fotos.

Nós íamos e vínhamos todos os anos para nossa terra natal. Em Fortaleza também tive o privilégio de conhecer artistas da terra e também músicos internacionais. A última vez que viajamos, foi para participar do nascimento de Ben, nosso netinho, e Boaz adoeceu do coração, o que nos fez decidir não mais morar em terras cariocas.

A doença de Boaz foi o que considero o único fato negativo do nosso viver. Ficamos internados por três meses esperando uma cirurgia, e só me afastei de Boaz por duas vezes porque ele ficou em UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), pois ali não era permitida a presença de acompanhante. A cirurgia deu certo, ainda viajamos pelas cidades de nosso Ceará e continuamos vivendo sempre juntos e muito felizes.

Porque no início de junho eu tomei a decisão de me mudar para o Rio e marquei a data da viagem. Quando eu comuniquei o fato à minha família, houve da parte deles uma discussão muito grande pois James, meu irmão um ano mais novo que eu e muito ligado a mim desde a infância, decidiu im-

pedir que eu corresse atrás da realização do meu sonho, da minha felicidade ao lado de quem sempre amei, dizendo que ia me interditar... dizer para a justiça que eu estava louca e desse modo não tinha condições psicológicas de tomar tal decisão. Foi uma briga feia mesmo, rolando palavrões e tudo mais. Ele me expulsou de sua casa e disse que infelizmente não daria tempo de impedir minha viagem, porque a passagem já estava comprada. Tudo felizmente ficou bem, depois que meu irmão foi nos visitar no Arraial do Cabo/RJ onde morávamos, certo de que nós estávamos mesmo muito felizes, que Boaz era uma boa pessoa e capaz, portanto merecedor de grande amizade.

Nossos dias de espera duraram até outubro...

Capítulo 7

Morte

A definição desta palavra título no dicionário é “interrupção definitiva da vida de um organismo”. Fim da vida humana.

A morte - na tanatologia, 1903 (Élie Metchnikoff), “O Estudo Científico da morte” - significa perda. Perdemos a vida uterina ao nascer para o mundo em que crescemos e desenvolvemos. Na adolescência perdemos a nossa infância. Para nos tornarmos adultos, perdemos a juventude. Morremos várias vezes. Várias são as perdas no mundo físico para nos tornar um ser espiritual destinado à eternidade, junto ao Criador de tudo e de todos.

Tânato é a morte personificada na Mitologia.

A Bíblia diz: E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno (Daniel 12-2). Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento... (Ecl. 9:5-6).

Não se deve discutir política nem religião, ambas porém se resumem na palavra poder. A Bíblia relata fatos humanos escritos desde o início dos tempos. A COVID 19, pandemia vivida na atualidade é citada entre os povos de Israel, até com os cuidados a serem tomados. Com tanta semelhança de definições de morte, prefiro acreditar que a

vida tem nome próprio: Jesus Cristo! E esperar pelo reencontro final no céu, nossa pátria, junto com o Criador. Até mesmo porque preciso e não posso deixar de relatar na minha vida feliz, romântica e cheia de amor, uma grande perda, a maior que já tive, o sentimento mais difícil de aceitar.

Treze de abril de 2019. Data negra. Dia infeliz. Perda! Boaz, meu Boaz chegou ao fim da vida humana. Em contraste, num dia feliz. Dia de festa. Comemoração dos 60 anos de Sylvia, na casa onde Boaz e eu iríamos casar no Ceará, com a presença de familiares e amigos, inclusive dos nossos mais ligados amigos desde o início da nossa história. Dançamos e nos divertimos muito. Boaz dançou com muitas das amigas

que estavam presentes na festa. Não foi diferente das vezes em que chamávamos a atenção das pessoas pelo nosso romantismo, nossa harmonia e felicidade.

No final da tarde, não voltamos para casa, decidimos ir para a casa de Sylvia, onde passamos vários finais de semana e de onde saímos várias vezes para nos divertirmos juntos.

À noitinha, Boaz me disse que estava se sentindo mal. Que seu sentimento era de agonia e que queria ir ao médico. Fiquei preocupada achando que era sério, porque geralmente ele me poupava dizendo que era coisa simples e logo tudo estaria bem. Porém, não deu tempo de ir ao hospital. Ele me pediu para não sair de perto dele, depois para que

eu o acompanhasse ao banheiro, pediu para banhar-se e em meio disso ele me falou que ia desmaiar. Sentei-o no sanitário, apoiei-o em meu corpo, e ali em meus braços ele clamou pelo Senhor dizendo: Ajuda-me Senhor, estou em agonia... E suspirou pela última vez, mas eu não percebi, não aceitei sua morte. Pedi ajuda a Sylvia e ela afirmou que ele já não respirava mais. Os meninos que estavam em casa, Ênio e seu irmão, pediram ajuda médica, tentaram reanimá-lo, mas a ajuda chegou e foi constatado o fim. Boaz já não estava conosco. Não aceitei, fiquei travada. Não chorei. Fiquei assim por muito tempo em minha vida. Seu sepultamento foi em sua terra natal ao lado de seus pais e outros membros já mortos...

Depois disso, perdi um sobrinho de Boaz, meu irmão mais velho e acometidos da Covid-19 perdi uma sobrinha, e em menos de um mês, perdi Zom. Essa foi a perda mais dura, mais difícil de aceitar depois que perdi Boaz. Zom era jovem e saudável. Muito precioso para mim. Porém os mortos acometidos de Covid-19, são como sub humanos. Não se tem o direito de ver ou velar. É sepultado num saco preto, como os de lixo e em caixão fechado. Eu ainda estava travada, não chorei. Nem sei qual o motivo que me faz chorar.

Também perdi Julie, minha Julie, minha mãe, minha irmã. Minha preciosa Julie. Também não chorei, não choro mais. Melhor lembrar dela com alegria. Com o carinho que ela tinha comigo.

Com seu cuidado. Prefiro lembrar das férias em sua casa, das roupas novas e iguais às de Sylvia, feitas por ela e guardadas para vestirmos a cada festa que fosse acontecer naquele período. Gosto de lembrar dos licores que ela me preparava quando eu já era maior. Sempre mais de um. Os que eu gostava. E como eram vários, eu sempre dividia com o pai de meu Boaz. Meu sogro querido. Ele gostava demais de mim. Me preparava comidas gostosas e tinha sempre um sorriso nos lábios ao me receber em sua casa...

Outra perda. Grande perda. Agora material. As perdas materiais são reconquistadas, mas essa perda é material com valor sentimental. Trata-se de meu lar, meu cantinho de amor, meu espaço

pequeno, humilde, aconchegante e feliz, porque tinha Boaz comigo. Foi onde vivi os mais felizes momentos da minha vida. Meu ninho de amor foi tomado. Alguém que se dizia amigo, irmão, me decepcionou com sua ganância, maldade, posse. Assim que soube que nós tínhamos decidido morar no Ceará por causa da doença de coração de Boaz, pediu para morar em nossa casa por algum tempo por necessidade e, assim que Boaz fechou os olhos, ele reformou a casa e me disse que aquele imóvel era dele e que o havia construído. Mentira... A casa é documentada, tem registro em nome de Boaz, e por direito, a herança é minha... Perdi, não tenho condições de voltar lá e lutar por essa conquista. Fiquei doente. Tive que fazer tratamento psicológico e pior, vou ficar

ainda quatro anos pagando empréstimo
consignado que fiz para melhorar o
conforto do nosso cantinho...

Epílogo

Eu não poderia terminar essa obra sem agradecer a Deus que me deu a oportunidade de encontrar meu Boaz e com ele viver um amor verdadeiro. Amor, amor, essência de Deus.

Nem também poderia deixar de agradecer ao sábio, humano, cientista e psicólogo, que me ajudou a entender Jesus, perdoando a pessoa que me fez sentir o único sentimento negativo na minha linda história de amor: sua falsidade, mentira, injustiça e descaso, que talvez por inveja de mim por ter feito Boaz feliz ou interesse nele ou direito de posse, me impediu de continuar desfrutando do que era meu em Arraial do Cabo, cidade paradisíaca na região dos lagos no Rio de Janeiro.

Augusto Cury, um mestre e sábio, me ajudou a entender o conceito de perdão apresentado na parábola da mulher adúltera quando citou Jesus como a mente humana mais brilhante, que mesmo sendo Deus, não julgou a mulher apresentada como criminosa, mas levou cada um dos julgadores a examinar a si mesmo e julgar-se antes de julgar seu próximo. Ali Jesus ensinou o conceito de perdão e ensinou também como sábio perdoador que a repetição do erro pode ser controlada, evitada pelo autocontrole, para nos tornar pessoas melhores, mais humanas.

Para mim esse sábio uniu ciência e religião, quando através de Jesus nos mostrou a possibilidade de sermos mais humanos, mais animais a favor da pró-

pria espécie, a favor de um mundo melhor, partindo da melhoria de si mesmo para sermos o mais humano possível, para sermos literalmente a obra prima de Deus.

Finalmente, a minha esperança é reencontrar Boaz no céu, e com ele ficar para sempre, pois o amor verdadeiro vem de Deus e é eterno. Continuo crendo que Deus deu um jeito de unir Boaz e eu não só aqui na terra, mas também no céu, como escrevi para Boaz quando nos encontramos quase quarenta anos antes de nos tornarmos marido e mulher para nossa verdadeira felicidade...

Souvenirs





Bairro da Passagem Cabo Frio



Arrecife do Cabo



Terra de Boaz



Cachoeira do coração



Por do sol em casa







Título:

FOI POSSÍVEL SIM!

Autora:

GRAÇA MENDES F. BASTOS

Leitura crítica e Correções:

WALMIR LOPES

Diagramação:

YASMIN LOPES

Capa e Artes:

WLADIMYR LOPES





Capa: WAV Arte



9 789730 000351 >